

**Macabéa, pobre Macabéa: desamparo e feminilidade no romance clariciano**

**Macabéa, pauvre Macabéa: détresse et féminité dans le roman claricien**

**Macabéa, poor Macabéa : helplessness and femininity in Clarice's novel**

**Elielton Castro Nascimento**

Orcid: [0009-0003-4860-8699](https://orcid.org/0009-0003-4860-8699)

Bacharelado em Psicologia pela Faculdade Estácio de Belém (Pará, Brasil)

E-mail: [elieltoncastronc@gmail.com](mailto:elieltoncastronc@gmail.com)

### **Resenha do livro:**

Lira da Costa, J. S. (2022). *Macabéa, pobre Macabéa: desamparo e feminilidade no romance clariciano*. Curitiba: Appris Ed.

No derradeiro romance de sua vida, *A Hora da Estrela*, Clarice Lispector (1998, p. 11) — sob a pele de Rodrigo S. M. — nos diz logo em suas páginas iniciais: “*Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever*”. Reitero a frase profética porque é impossível ler a linha sem relacioná-la ao desejo de abordar a temática da feminilidade na obra freudiana, **enigma** por natureza segundo o próprio Freud. Em um paralelo até mesmo trágico-poético com a proposta do livro a ser resenhado aqui, nada como a falta para impulsionar o desejo.

*Macabéa, pobre Macabéa: desamparo e feminilidade no romance clariciano*, livro provindo da dissertação de mestrado da psicanalista, professora universitária, escritora e doutora em psicanálise Jéssica Lira, explora o consagrado elo entre arte e psicanálise para argumentar, a partir de uma leitura analítica de *A Hora da Estrela*, que o desamparo e a feminilidade são representações consagradas da falta que nos constitui enquanto sujeitos — sobretudo as mulheres — aspectos tão insuportáveis que nos impulsionam a buscar subsídios para (tentar) encobri-los.

A divisão do conteúdo presente no livro demonstra a preocupação da autora em criar uma linha de raciocínio prática e de fácil assimilação para seu leitor. O primeiro capítulo intitula-se: *Clarice Lispector e A Hora da Estrela: comentários sobre a literatura de Clarice e a questão do feminino*. Lira discorre sobre as características singulares de Lispector enquanto sujeito-mulher e da escrita feminina de modo geral para, em seguida, dar enfoque ao estilo propriamente clariciano: a escrita nascida de suas vísceras e que a matava a cada capítulo! O entendimento dessas questões iniciais se mostra fundamental para que o leitor compreenda a concepção da autora a respeito d’*A Hora da Estrela*, do estranho magnetismo de Macabéa e do porquê olhá-la é ter nossa parte mais obscura nos encarando de volta.

O encontro entre literatura e psicanálise não é nenhuma novidade. Um movimento notório em Freud é justamente o de buscar tanto alicerce quanto progresso em suas construções teóricas através do universo literário: Sófocles, Goethe, Schiller, Schopenhauer, Dostoiévski, os **grandes escritores**,

contribuíram de uma forma ou de outra para o desenvolvimento do que conhecemos como psicanálise. Afinal, quem, se não os poetas, detêm o entendimento mais sublime a respeito da vida humana, **da alma**? No campo do inconsciente, o poeta bebe diretamente de sua fonte e o transpira.

Mas por que Macabéa? Por que Clarice? Segundo Lira (2022), seu contato inicial com *Maca* ocorrera ainda durante a adolescência, com isso, a personagem a assombra desde então:

Li de uma só vez não só por se tratar de um romance quantitativamente pequeno, mas sim porque também queria que aquela história, daquele ser angustiante (uso tal termo com uma conotação costumeira, e não no sentido específico da psicanálise) acabasse de uma vez por todas. Mas não cessou! Ela se acentuou, não consegui esquecer Macabéa. Por que tão miserável? Por que tão pobre? Por que tão nula? É como se não tivesse aspirações de um ser que deseja, ela apenas sobrevivia no tempo (p. 34).

Há, indubitavelmente, **algo a mais** na escrita de Clarice, sobretudo no que diz respeito ao seu último romance, capaz de tornar o leitor (ao menos o leitor mais atento) refém de suas personagens. Clarice se esvazia deslizando nas palavras à medida que escreve, palavras essas onde o leitor encontrará exposta a tragicidade de existir — conflito universal de todo ser humano. Não à toa, Lira defende *A Hora da Estrela* como romance, em toda a profundidade concebida pelo gênero e pelas forças regentes de Clarice, apesar de ter sido lançado sob a alcunha de novela.

Eis a característica costumeira da escrita, de acordo com Lira: a implicação da escritora nas palavras. Para as mulheres, é uma possibilidade de dar vazão às experiências subjetivas de alguém sob permanente condição faltosa, portanto, a escrita "trabalha a serviço do interno, do interior da mulher, de maneira que se torna tentador afirmar que o estilo feminino obedece de maneira mais contundente ao pulsional" (p. 41) — Lispector apenas a eleva a um nível estratosférico.

O segundo capítulo, *A feminilidade na teoria freudiana*, aborda a temática da feminilidade a partir da bibliografia freudiana. Feito de maneira cronológica, o capítulo possui uma subdivisão prática: em um primeiro momento, discorre sobre os textos pré-psicanalíticos e outros trabalhos formulados até meados de 1920 nos quais a noção do feminino (e, conseqüentemente, da teoria psicanalítica) é desenvolvida pouco a pouco. Em seguida, de forma mais categórica, os textos selecionados para análise são aqueles cujo olhar à feminilidade está mais atento e busca decifrar essa constituição singular de um sujeito-mulher.

Para discutir a feminilidade, Lira opta por privilegiar a bibliografia freudiana sobre a temática em detrimento de questões periféricas — do campo social ou identitário, por exemplo — usualmente atreladas a ela na contemporaneidade, o que culmina em uma investigação da realidade puramente constitutiva e psíquica da mulher. Essa construção, tão bem traçada, objetiva muito além de demonstrar o desenvolvimento da teoria psicanalítica: pretende sinalizar de onde surgiu o interesse pela feminilidade por Freud, a importância do feminino para a prosperidade da psicanálise e a expertise de Freud em

saber desmontar e remontar as próprias concepções à medida que aprendia mais a mais acerca do assunto por meio da prática clínica.

As primeiras articulações nos levam ao “início” de tudo: quando Freud, apesar da formação médica, decide se posicionar contra os discursos de ordem unicamente biológica sobre a histeria focado na sintomatologia da doença. Em vez de focar nas causas orgânicas, ele gradualmente passa a se atentar aos aspectos subjetivos do padecimento de suas pacientes, movimento que se torna essencial para a mudança de paradigma quanto ao tratamento destinado à histeria: “Freud levou em consideração a fala e o saber daquelas mulheres, algo inédito até então. Afinal aquilo tudo não era encenação, como muitos alardeavam aos quatro cantos: aquilo era sofrimento psíquico grave e merecia ser entendido como tal” (p. 87).

A tenacidade de investigar as fontes do sofrimento feminino a partir da experiência subjetiva das mulheres incutira em Freud a dúvida quanto ao desenvolvimento de um sujeito-mulher, propriamente. Lira então toma essa linha de pensamento freudiano, trabalhada anos a fio, para conduzir o leitor aos pormenores de duas peças-chaves no que tange o percurso das mulheres rumo à feminilidade: a fase pré-edipiana da menina e a relação mãe-e-filha. Assim, a autora torna possível compreender melhor sua argumentação de como o reconhecimento da distinção entre ser faltoso (menina) e ser fálico (menino) afeta a vida psíquica da menina; e como a figura da mãe auxilia na construção singular do modo de *ser mulher* da filha. Muito embora Freud postule três saídas para as meninas frente ao horror da castração, Lira destaca que “nenhuma saída lhe trará mais ou menos apaziguamento. A realidade dura que se põe desde muito cedo é cruel, cabe a nós saber manejá-la com maior criatividade” (p. 118). A escrita, nesse sentido, surge como uma dessas saídas, mas esse aspecto é melhor desenvolvido no capítulo seguinte.

O terceiro e último capítulo, *Macabéa e o desamparo a que todos nós estamos entregues*, sob o agouro de seu título, aponta para uma condição humana da qual ninguém escapa: ser um ser desejanste que necessita sobretudo psiquicamente do outro porque é marcado por um desamparo primordial — a *Hilflosigkeit*. De modo a findar a linha de raciocínio construída no decorrer do livro, o capítulo se propõe a tecer relações entre desamparo e arte poética e desamparo e feminilidade.

Lira inicia suas articulações discutindo uma questão de linguística. Ela chama a atenção do leitor para o impasse de conceituar propriamente o verbete “desamparo” em psicanálise, mesmo havendo utilizado dicionários cujos autores sejam figuras renomadas no meio psicanalítico. Essa dificuldade de conceituar o verbete não acontece por acaso: é a herança de uma noção dispersada na vasta obra freudiana, mas que nunca obteve um texto específico para abarcá-la. Assim, Lira recorre à definição de Laplanche e Pontalis (2001) para o desamparo como “estado de”, isto é, uma condição de impotência na qual o ser humano se encontra quando recém-nascido e que o faz dependente de cuidados e investimentos alheios.

A autora também recorre aos dicionários da língua portuguesa corrente com o intuito de auxiliar na compreensão de “desamparo”, argumentando que há aproximações do termo na teoria e no senso

comum. "Abandono", "condição de quem está abandonada", "sem auxílio material ou moral" são algumas das definições recorrentes encontradas em sua pesquisa. Assim,

Se entendermos que Freud afirmou que o sujeito ao nascer não tem a mínima capacidade de realizar quaisquer ações em prol de si mesmo, ficando completamente à mercê do outro, vemos que isso está presente em afirmações comumente feitas no senso comum, como quando é postulado que 'desamparo' remete a uma 'condição de quem está abandonado', 'sem auxílio material ou moral' etc.. (p. 124).

Por fim, Lira recorre ao texto freudiano de 1895, *Projeto para uma Psicologia Científica*, para discutir unicamente sobre a "experiência de satisfação", isto é, a tentativa de remediar a condição humana de desamparo de um recém-nascido, ação que produz a primeira experiência de satisfação do sujeito em estado de desamparo e, por consequência, afeta de maneira irremediável o desenvolvimento de sua estrutura psíquica, pois entende-se quanto dependente desse outro e registra a falta.

Com base em tais considerações supracitadas, Lira aponta para uma noção mais clara de desamparo, de modo que seja compreendida mesmo por aqueles mais leigos em psicanálise. A condição humana a que estamos todos fadados é a da falta estimulada outrora por um agente externo que tentara sanar nossa impotência em existir. Por isso nos constituímos a partir das relações com o(s) outro(s) e somos instigados a vida inteira a tentar tamponar o vazio registrado em nosso psiquismo. Somente fazendo-se compreender esse estado de desamparo como constituinte do ser humano é que a autora entra nas particularidades da relação entre desamparo e arte poética e desamparo e feminilidade.

No que se refere ao primeiro tópico, o leitor irá se deparar com uma verdade árdua de ser assimilada: a fragilidade humana em existir. Partindo do princípio de que estamos todos em busca de remediar nosso desamparo, Lira discorre sobre o ser humano criar meios para tentar atingir essa meta. A arte poética então surge como um consolo, como uma possibilidade de simbolizar a dimensão trágica do ser humano: um ser em condição de abandono, regido pelo destino da própria aniquilação, mas que escolhe existir em meio a tudo isso, à insegurança do ato, porque há também o desejo de persistir, de encontrar saídas para encobrir o vazio, a incerteza. Temos, assim, um ser em permanente conflito.

A arte poética exterioriza a complexidade da alma humana em todo o seu horror. A trajetória trágica do homem é a mesma representada pelo mortificado Ivan Ilitch, de Tolstói; pelo assombroso narrador sem nome, de Dostoiévski, e, acima de tudo, pela nossa Macabéa, pobre Macabéa, de Lispector. Do mesmo modo, na vida real, temos o homem regido pela tragicidade e pelo conflito que se coloca diante de um analista, porque a despeito de qualquer sofrimento, luta contra a possibilidade de ficar paralisado em seu estado de desamparo.

No que se refere ao segundo tópico do terceiro capítulo, o leitor irá se deparar com o argumento que Lira busca tecer ao longo de toda a obra: a relação intrínseca entre desamparo e feminilidade

constitui uma camada dupla de falta no psiquismo da mulher — uma pelo desamparo primordial ao qual estamos todos entregues, outra pela condição faltosa apercebida no decorrer da constituição feminina. É neste ponto que compreendemos em definitivo a eleição de Macabéa, essa figura **aparentemente** sem necessidade de si, para discutir feminilidade segundo a obra freudiana: a personagem carrega em cada traço obscuro as marcas da falta quanto sujeito e quanto mulher.

Para tanto, Lira defende o pensamento freudiano de que o homem aculturado fecha um acordo tácito com a sociedade e a cultura a fim de viver em seu meio em possível estado de segurança e amparo, sacrificando certa liberdade pulsional. A renúncia do sujeito à plena satisfação da pulsão mediante a promessa de algum acalento pode levá-lo a se submeter aos tormentos oriundos de sua fragilidade. Nesse sentido, a trajetória trágica de Macabéa só se faz inteligível se entendermos o seu discurso e o seu posicionamento frente à existência como representantes do viés mais masoquista do desamparo, no qual abre-se mão de olhar para si em busca do olhar do outro. Nas entrelinhas de seu **viver à toa**, de acordo com Lira, Macabéa está dizendo o tempo inteiro: "faça o que quiser comigo, só não faça com que eu tenha que me haver com o vazio do desamparo".

Macabéa conhece seu destino inescapável e as suas faltas. A renúncia de **ser gente** não significa conformar-se com as mazelas de uma vida torpe, trata-se, ainda segundo Lira, de "sapiência psíquica", de reconhecer-se quanto ser cujo psiquismo é regido pelo conflito e, por isso, a personagem sabia de antemão **do que** precisava fugir. Em outras palavras, ao contrário de nós, Macabéa não mascarava a dimensão trágica de sua existência.

Por isso a minha angústia, o meu horror frente à Macabéa, porque ela fazia com que eu me deparasse com aquilo que mais tentamos negar: a finitude. [...] A figura de Macabéa só nos choca, pois esquecemos ou fazemos um esforço absurdo para esquecer que o que nos fundamente enquanto seres desejantes e o que funda a condição de todos os seres humanos é o desamparo (pp. 146-147).

Macabéa é a expressão máxima do que é **ser humano**: mortal, desamparada e faltosa. Por isso olhá-la é ter nossa parte mais obscura nos encarando de volta. Finita e incompleta, é também herdeira do desamparo de sua criadora, Clarice, uma vez que a autora utiliza a escrita como uma saída para lidar com as marcas de sua *Hilflosigkeit* e de sua feminilidade, fontes de horror, é verdade, mas que incitam a criação como moeda de troca para apaziguar a existência.

Fica evidente, a partir da apresentação feita até aqui da obra que marca a estreia literária de Jéssica Lira, as motivações da autora em utilizar a arte poética como intermédio para compreender conceitos psicanalíticos. Dentre as formas de arte, a criação literária detém um senso elevado de compreensão do ser humano, uma vez que busca significar pela via da palavra tudo aquilo que por vezes não pode ser significado de outra forma. Além do mais, por meio da fantasia do escritor, o leitor

pode encontrar certos níveis de satisfação em sua vida pulsional — mesmo que nenhuma satisfação seja definitiva.

A natureza de *Macabéa, pobre Macabéa* evidencia ainda a necessidade de sua elaboração. Em tempos “de emergência e de calamidade pública” em que o processo de produção e transmissão de determinados conhecimentos é por vezes entrecortado por questões ideológicas, acessar um conteúdo pautado unicamente na segurança de seu referencial teórico é um privilégio.

A leitura analítica de *A Hora da Estrela* encerra facilitando uma compreensão mais clara do desamparo e da feminilidade como representações consagradas da falta constituinte do ser humano. Todavia, vale a pena destacar que o trabalho de Lira foge de ser uma odisseia pessimista através da existência humana. A autora fomenta a discussão das temáticas citadas anteriormente a fim de salientar que muito embora nosso vazio seja irremediável, podemos e devemos procurar novas formas de se haver com as marcas da *Hilflosigkeit*, assim como Macabéa e Clarice o fizeram. Enquanto pulsar, há possibilidades.

### Referências Bibliográficas

Laplanche, J. & Pontalis, J. (2001). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes Ed.

Lispector, C. (1998). *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco Ed.

**Citação/Citation:** Nascimento, E. C. (mai. 2024 a out. 2024). Macabéa, pobre Macabéa: desamparo e feminilidade no romance clariciano. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 19(38), 181-186. Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus). **Doi:** 10.17852/1809-709x.2024v19n38p181-186

**Editor do artigo:** Tania Coelho dos Santos

**Recebido/ Received:** 03/12/2024 / 12/03/2024.

**Aceito/ Accepted:** 27/10/2024 / 10/27/2024.

**Copyright:** © 2024. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.